

HABILIDADES SOCIAIS E VIOLÊNCIA ASSOCIADA NOS CONTEXTOS FAMILIAR, ESCOLAR E COMUNITÁRIO EM ADOLESCENTES ACOLHIDOS EM RECIFE, NORDESTE DO BRASIL

Data de submissão: 11/06/2023

Data de aceite: 01/08/2023

Clívia Maiza Bezerra Silvestre Galindo

Universidade de Pernambuco
Recife – Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0002-4107-2014>

Raquel Moura Lins Acioli

Fundação Oswaldo Cruz-PE
Recife – Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0002-5907-0068>

Maria Luiza Carvalho de Lima

Fundação Oswaldo Cruz-PE
Recife – Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0002-1354-9890>

Alice Kelly Barreira

Universidade Federal de Pernambuco
Recife – Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0002-0351-9022>

Viviane Colares

Universidade de Pernambuco e
Universidade Federal de Pernambuco
Recife – Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0003-2912-2100>

na capital de Pernambuco, Recife, Brasil. Trata-se de um estudo transversal, de caráter descritivo e analítico. A amostra foi censitária e compreendeu 53 adolescentes entre 10 e 18 anos. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e julho de 2014 por meio de entrevista nas instituições. O instrumento foi composto pelo Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes, Escala Tática de Conflitos e Escala de Violência na Escola e na Localidade. Para análise de dados, teste T e teste de qui-quadrado foram empregados com nível de significância de 0,05. Exposição à violência comunitária e ausência de argumentação paterna perante situação de conflito relacionaram-se, respectivamente, a um repertório total de habilidades sociais deficitário ($p=0,02$) e com alta dificuldade ($p=0,01$). O uso de violência emocional e física maternas como meio de resolução de conflitos relacionou-se, respectivamente, a déficits na empatia ($p=0,01$) e na abordagem afetiva ($p=0,03$). A ausência de argumentação materna e paterna relacionou-se, respectivamente, a déficits na civilidade ($p=0,04$) e à alta dificuldade na empatia ($p=0,03$). A violência familiar e comunitária parece limitar o desenvolvimento social de adolescentes

RESUMO: O estudo buscou avaliar a associação entre o repertório total e de classes de habilidades sociais e a violência nos contextos familiar, escolar e comunitário dos adolescentes acolhidos

acolhidos. Políticas públicas, inclusivas e intersetoriais aliadas a intervenções em habilidades sociais apontam como estratégias para o rompimento de ciclos de violência tão naturalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades Sociais; Adolescente; Criança Acolhida; Violência; Relações Interpessoais.

SOCIAL SKILLS AND ASSOCIATED VIOLENCE IN FAMILY, SCHOOL AND COMMUNITY CONTEXTS IN SHELTERED ADOLESCENTS IN RECIFE, NORTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT: The study sought to evaluate the association between the total repertoire and classes of social skills and violence in the family, school and community contexts of adolescents sheltered in the capital of Pernambuco, Recife, Brazil. This is a cross-sectional, descriptive and analytical study. The sample was census and comprised 53 adolescents between 10 and 18 years old. Data collection took place between February and July 2014 through interviews at the institutions. The instrument was composed of the Social Skills Inventory for Adolescents, Tactical Conflict Scale and Violence Scale at School and Locality. For data analysis, t test and chi-square test were used with a significance level of 0.05. Exposure to community violence and absence of paternal argumentation in the face of conflict were related, respectively, to a total repertoire of social skills that was deficient ($p=0.02$) and with high difficulty ($p=0.01$). The use of maternal emotional and physical violence as a means of conflict resolution was related, respectively, to deficits in empathy ($p=0.01$) and affective approach ($p=0.03$). The absence of maternal and paternal argumentation was related, respectively, to deficits in civility ($p=0.04$) and high difficulty in empathy ($p=0.03$). Family and community violence seems to limit the social development of sheltered adolescents. Public, inclusive and intersectoral policies, combined with interventions in social skills, point to strategies for breaking cycles of violence that are so naturalized.

KEYWORDS: Social Skills; Adolescent; Foster Child; Violence; Interpersonal Relations.

INTRODUÇÃO

Desde as últimas décadas do século XX, nota-se o surgimento de estudos voltados para o reconhecimento e a valorização da qualidade das relações interpessoais na construção de um bom desenvolvimento biopsicossocial. As relações interpessoais estão presentes nos diferentes contextos e, ao longo da vida, levam ao aprendizado de um conjunto de comportamentos sociais. Quando esses comportamentos permitem o indivíduo se relacionar de maneira bem-sucedida, e se esquivar de situações prejudiciais, são chamados de habilidades sociais (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009; LEME et al., 2015).

É consenso que na adolescência, um bom repertório de habilidades sociais se relaciona positivamente com o desempenho acadêmico e profissional, o desenvolvimento socioemocional e a saúde mental (BEAUCHAMP & ANDERSON, 2010; CAMPOS et al., 2018; FEITOSA et al., 2009). De grande relevância nessa fase, tendo em vista a maior

necessidade de interação e relacionamento com pares, o desenvolvimento de habilidades sociais depende das relações interpessoais estabelecidas, nos diferentes contextos transitados, e da forma como o adolescente as experencia em determinado período (BRONFENBRENNER, 2015; DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009).

A família, a escola e a comunidade configuram-se como contextos basilares na elaboração de experiências sociais, que podem contribuir ou não, para o desenvolvimento de habilidades sociais (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009; LEME et al., 2015). Sendo a família propulsora da socialização, adolescentes que vivem em ambientes familiares de risco podem ter comprometimento de suas trajetórias (BHONA et al., 2014; RODRIGUES, 2015). A privação de um ambiente familiar seguro perante exposição à violência doméstica, abandono, pobreza material, dependência química dos pais, entre outras situações de risco retira do adolescente o direito de se desenvolver plenamente (BRASIL, 1990).

Em adolescentes afastados temporariamente do meio familiar, dinâmicas familiares pré-existentes podem persistir como reguladoras de relacionamentos futuros. Dessa forma, a qualidade das relações entre seus membros prediz o desenvolvimento de habilidades sociais. De maneira excepcional e temporária, a situação de acolhimento deve assegurar um desenvolvimento satisfatório e incluir o direito à convivência familiar, escolar e comunitária, sendo tais contextos essenciais no estabelecimento de vínculos socioafetivos (BHONA et al., 2014; LEME; DEL PRETTE, Z.; COIMBRA, 2015; FERREIRA; LITTIG; VESCOVI, 2014; TARULLO; GUNNAR, 2005).

Mesmo após a ratificação da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito da Criança e do Adolescente, há discrepância entre o que está estabelecido nas normativas e o que é posto em prática (INCARNATO et al., 2020). A superlotação dos serviços de acolhimento associada a infraestrutura inadequada e a falta de rede de apoio e afetiva por parte dos funcionários elevam a vulnerabilidade desses adolescentes. Carentes também de recursos materiais ou emocionais nos contextos familiar, escolar e comunitário há privação na promoção de relações interpessoais seguras, baseadas no afeto e equilíbrio de poder, necessárias para o desenvolvimento de habilidades sociais (ACIOLI et al., 2018).

Considerando a importância das habilidades sociais na prevenção de inúmeros agravos individuais e de ordem coletiva e a escassez de pesquisas abordando esse tema em adolescentes em situação de acolhimento no Brasil, esse trabalho teve como objetivo avaliar a associação entre classes de habilidades sociais (empatia, autocontrole, civilidade, assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social) e a exposição à violência em contextos familiar, escolar e comunitário em adolescentes acolhidos.

MÉTODOS

Desenho do estudo

A presente pesquisa consistiu em um estudo transversal, de caráter descritivo e analítico, realizado em serviços de acolhimento do Recife, capital do estado de Pernambuco, uma das maiores capitais do Nordeste do Brasil.

A cidade do Recife foi foco do estudo por apresentar a maior quantidade de casas de acolhimento do estado de Pernambuco, voltados para adolescentes e crianças abandonados ou vítimas de abuso ou violência (PERNAMBUCO, 2012).

Participantes

A amostra compreendeu todos os adolescentes, entre 10 e 18 anos, acolhidos em oito instituições que atendiam a essa faixa etária. Foram excluídos do estudo jovens com comprometimento de ordem neurológica ou qualquer deficiência que incapacitasse ou compromettesse a aplicação dos questionários. Dos 55 adolescentes elegíveis, dois se recusaram a participar do estudo resultando em 53 adolescentes entrevistados, no período de fevereiro a julho de 2014.

Coleta de dados

O questionário foi aplicado por duas psicólogas, por meio de entrevista nas instituições selecionadas, e sem a presença dos cuidadores.

O instrumento foi composto pelo Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009), Escala Tática de Conflitos (STRAUS, 1979) e Escala de Violência na Escola e na Localidade (KAHN et al., 1999).

Variáveis do estudo

A variável dependente (repertório total e de classes de habilidades sociais) foi avaliada através do Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prete). Composto por 38 itens, descreve situações de interação social, em que o adolescente se autoavalia em relação à frequência e à dificuldade com que reage. A avaliação dessas habilidades ocorre através dos escores total e de seis classes: Empatia (capacidade de se reconhecer no outro e demonstrar compreensão e apoio); Autocontrole (capacidade de ter controle dos sentimentos negativos diante situações aversivas); Civilidade (habilidades de traquejo social como cumprimentar, elogiar, fazer pequenas gentilezas); Assertividade (capacidade de defender os próprios direitos, sem prejudicar o outro); Abordagem Afetiva (habilidades para estabelecer relações de amizade e de intimidade sexual) e Desenvoltura Social (habilidades para situações de exposição social e de conversação, como com pessoas de autoridade) (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009).

Tanto no indicador de frequência quanto no de dificuldade do IHSA-Del-Prette, as habilidades sociais foram classificadas conforme manual do instrumento, de acordo com o sexo e a faixa de percentil do respondente. No indicador de frequência, a classificação é feita da seguinte forma: 01-25, repertório abaixo da média inferior; 26-35, repertório médio inferior; 36-65, bom repertório; 66-75, repertório elaborado; 76-100, repertório altamente elaborado de habilidades sociais. No indicador de dificuldade, a classificação é feita da seguinte forma: 01-35, baixo custo de resposta; 36-65, médio custo de resposta; 66-100, alto custo de resposta. Dessa forma, um repertório mais elaborado de habilidades sociais é obtido quando há escores altos na frequência e escores baixos na dificuldade (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009).

A violência familiar, obtida através da Escala Tática de Conflitos (STRAUS, 1979), e a violência escolar e comunitária, obtida através da Escala de Violência na Escola e na Localidade (KAHN et al., 1999), corresponderam às variáveis independentes.

As diferentes estratégias usadas pelos pais quando em conflito com o adolescente foram avaliadas pela Escala Tática de Conflitos (STRAUS, 1979). Nesse estudo, o instrumento avaliou táticas de conflito por parte dos pais ou responsáveis, tanto pela mãe ou responsável do sexo feminino quanto pelo pai ou responsável do sexo masculino, separadamente, em relação aos adolescentes (ASSIS; AVANCI, 2004). A escala foi dividida em três domínios (CUNHA; MONTEIRO; LOURENÇO, 2016) que avaliaram o modo como os pais ou responsáveis resolviam situações conflituosas com seus filhos: (a) argumentação (uso de estratégias não violentas, por meio da negociação ou discussão racional), (b) violência emocional ou agressão verbal (como xingar ou insultar, ficar emburrado, chorar, provocar, destruir, bater ou chutar objetos) e (c) violência física (como jogar objetos, empurrar, chutar, bater, espancar ou usar armas de fogo ou faca). Pelo menos uma resposta positiva a um dos itens nos últimos doze meses, nesses dois últimos domínios, configurou-se como estratégia de resolução de conflitos por meio de violência, seja ela emocional ou física. A ausência de argumentação perante situação de conflito por parte dos pais ou responsáveis também foi avaliada. Caracterizada quando um dos itens do primeiro domínio apresentar, pelo menos, uma resposta negativa, representa, indiretamente, estratégias de resolução de conflitos violentas, justificando sua avaliação.

A violência vivenciada pelo adolescente na escola e/ou comunidade, no último ano, foi avaliada através de escala utilizada pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) em pesquisas sobre violações autoassumidas (*Self Reported Offenses*). No Brasil, a Escala de Violência na Escola e na Localidade tem sido usada pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas (ILANUD) para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (KAHN et al., 1999). É composta por oito perguntas dicotômicas sobre ter sido humilhado, ameaçado, ter tido objetos danificados propositalmente, ter convivido com pessoas que carregam armas brancas ou de fogo, ter sido agredido a ponto de necessitar de cuidados médicos e ter sido vítima de roubo ou furto. Os resultados foram apresentados item a item

além de ser avaliada a exposição geral à violência escolar e/ou comunitária. Foi considerado exposto à violência nesses contextos o adolescente que respondeu positivamente a pelo menos um item da escala.

Análise de dados

A tabulação dos dados foi realizada no programa Epidata entry 3.1. com dupla entrada de dados para verificar possíveis erros de digitação. As análises foram realizadas no software Stata versão 16 para Windows. Para a realização das análises, o IHSa-Del-Prette foi categorizado, quanto ao indicador de frequência, em repertório satisfatório (altamente elaborado, elaborado e bom) e em repertório deficitário (médio inferior e abaixo da média inferior) e, quanto ao indicador de dificuldade, em alta dificuldade (alto custo de resposta) e baixa ou média dificuldade (baixo ou médio custo de resposta) (VISIOLI et al., 2018). Frequências absoluta e relativa, média e desvio padrão foram empregados para descrever os participantes do estudo. Teste T e Teste de qui-quadrado foram empregados para avaliar associações uni-variadas entre o repertório total e das classes de habilidades sociais e a presença de violência nos contextos familiar, escolar e comunitário utilizando um nível de significância $p \leq 0,05$.

Aspectos éticos

Essa pesquisa fez parte do estudo “Habilidades sociais e fatores associados de adolescentes em situação de acolhimento”. Submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz/PE, sob o Parecer no 529.615/2014, foi iniciada após permissão judicial. Participaram da pesquisa apenas os adolescentes que aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O questionário foi aplicado por meio de entrevista nas instituições selecionadas, por dois coletores treinados, sem a presença dos cuidadores.

RESULTADOS

A maioria dos adolescentes (67,9%) era do sexo feminino e a média de idade foi de 14,5 ($\pm 1,9$) anos. Em relação ao repertório total de habilidades sociais, 69,7% apresentaram repertório satisfatório (bom, elaborado e altamente elaborado) e 50,9% baixo ou médio custo de resposta. Dos adolescentes que apresentaram repertório satisfatório, a maioria apresentou repertório altamente elaborado (37,6%).

Quanto às classes de habilidades sociais, a maior parte dos adolescentes apresentou repertório deficitário apenas em relação à desenvoltura social (71,7%) e à civilidade (52,8%). A maioria dos adolescentes apresentou baixa ou média dificuldade em todas as classes de habilidades sociais.

A maioria dos adolescentes (58,5%) relatou que não convivia com o pai ou responsável do sexo masculino e, quase metade, (49,1%) não convivia com a mãe ou

responsável do sexo feminino.

Dos adolescentes que conviviam com seus pais ou responsáveis, a ausência de argumentação perante situação de conflito, tanto por parte da mãe ou responsável do sexo feminino (37,7%) quanto por parte do pai ou responsável do sexo masculino (34%), foi significativa. Percentuais mais elevados de violência emocional (28,3%) e física (24,5%) por parte da mãe ou responsável do sexo feminino foram encontrados, comparados aos percentuais encontrados desses tipos de violência por parte do pai ou responsável do sexo masculino (Figura 1).

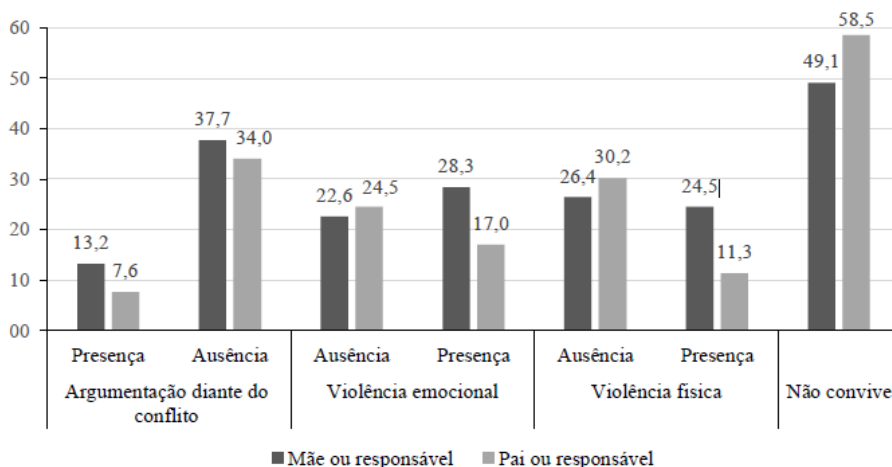


Figura 1 - Táticas de conflito por parte dos pais ou responsáveis de adolescentes em situação de acolhimento.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Na Figura 2 podem-se observar os tipos de violência sofrida ou presenciada pelos adolescentes na escola e na comunidade.

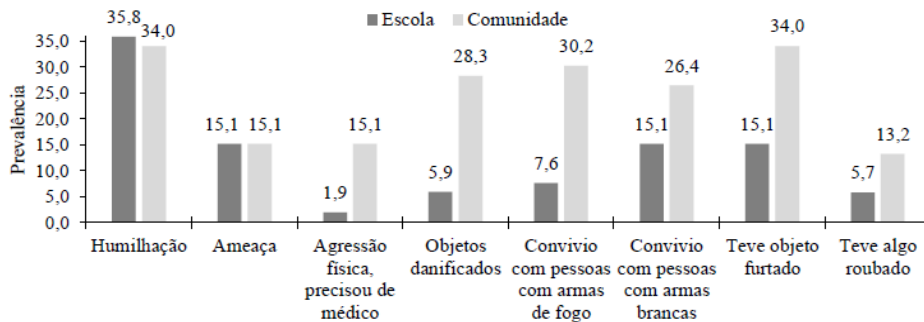


Figura 2 – Prevalências da exposição às violências escolar e comunitária de adolescentes em situação de acolhimento.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Humilhação foi o tipo de violência mais sofrida pelos adolescentes, tanto na escola quanto na comunidade. Mais de 30% dos jovens tiveram algum objeto furtado ou conviveram com pessoas que portavam arma de fogo em suas comunidades. Em geral, os adolescentes sofreram mais violência na comunidade (73,6%) do que na escola (51,0%).

No que se refere às associações encontradas, comparando-se adolescentes não expostos aos expostos à violência comunitária, uma maior proporção de adolescentes com repertório total deficitário foi encontrada naqueles expostos à violência comunitária ($p=0,02$) (Tabela 1).

Variáveis	Repertório Total de Habilidades Sociais								p	
	Frequência				p	Dificuldade				
	Satisfatória		Deficitária			Média/Baixa		Alta		
n	%	n	%	n	%	n	%	p		
Exposição à violência escolar										
Não	18	72,0	7	28,0	0,611	15	60,0	10	40,0	0,206
Sim	17	65,4	9	34,6		11	42,3	15	57,7	
Exposição à violência comunitária										
Não	13	92,9	1	7,1	0,029	8	57,1	6	42,9	0,589
Sim	24	61,5	15	38,5		19	48,7	20	51,3	
Argumentação por parte da mãe ou responsável do sexo feminino										
Sim	6	85,7	1	14,3	0,302	4	57,1	3	42,9	0,580
Não	13	65,0	7	35,0		9	45,0	11	55,0	
Violência emocional por parte da mãe ou responsável do sexo feminino										
Não	9	75,0	3	25,0	0,637	5	41,7	7	58,3	0,547
Sim	10	66,7	5	33,3		8	53,3	7	46,7	
Violência física por parte da mãe ou responsável do sexo feminino										
Não	9	64,3	5	35,7	0,472	8	57,1	6	42,9	0,332
Sim	10	76,9	3	23,1		5	38,5	8	61,5	
Argumentação por parte do pai ou responsável do sexo masculino										
Sim	2	50,0	2	50,0	0,388	3	75,0	1	25,0	0,018
Não	13	72,2	5	27,8		3	16,7	15	83,3	
Violência emocional por parte do pai ou responsável do sexo masculino										
Não	7	53,9	6	46,2	0,083	4	30,8	9	69,3	0,658
Sim	8	88,9	1	11,1		2	22,2	7	77,8	
Violência física por parte do pai ou responsável do sexo masculino										
Não	10	62,5	6	37,5	0,350	5	31,3	11	68,7	0,494
Sim	5	83,3	1	16,7		1	16,7	5	83,3	

Tabela 1 – Teste Chi-quadrado de associação entre os indicadores de frequência e de dificuldade do IHSA-Del Prette e as variáveis de exposição em adolescentes em situação de acolhimento Fonte: elaborada pelas autoras.

Ainda sobre o repertório total de habilidades sociais, táticas de resolução de conflitos por parte do pai ou responsável do sexo masculino baseadas na ausência de argumentação foram associadas a uma alta dificuldade na emissão de um comportamento socialmente habilidoso ($p=0,01$). Mais especificamente, nessa situação, uma maior proporção de adolescentes apresentou alto custo de resposta no repertório total de habilidades sociais na ausência de negociação ou argumentação por parte do pai ou responsável do sexo masculino (88,3%) do que na presença de negociação ou argumentação (25,0%) (Tabela 1).

Em relação às classes de habilidades sociais, a exposição à violência emocional e física por parte da mãe ou responsável do sexo feminino, durante uma situação de conflito, relacionou-se, respectivamente, com maiores déficits na empatia ($p=0,01$) e na abordagem afetiva ($p=0,03$) (Tabela 2).

Variáveis	Classes de Habilidades Sociais																													
	Empatia				Assertividade				Civildade				Desenvoltura social				Abordagem afetiva				Autocontrole									
	S		D		p		S		D		p		S		D		p		S		D		p							
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%						
Violência escolar																														
Não	17	68,0	8	32,0	0,30	14	56,0	11	44,0	0,33	14	56,0	11	44,0	0,21	16	64,0	9	36,0	0,86	15	60,0	10	40,0	0,91	5	20,0	20	80,0	0,24
Sim	14	53,9	12	46,1		11	42,3	15	57,7		10	38,5	16	61,5		16	61,5	10	38,5		16	61,5	10	38,5		9	34,6	17	65,4	
Violência comunitária																														
Não	8	57,1	6	42,9	0,77	8	57,1	6	42,9	0,59	9	64,3	5	35,7	0,14	12	85,7	2	14,3	0,05	9	64,3	5	35,7	0,73	3	21,4	11	78,6	0,51
Sim	24	61,5	15	38,5		19	48,7	20	51,3		16	41,0	23	59,0		22	56,4	17	43,6		23	59,0	16	41,0		12	30,8	27	69,2	
Argumentação materna/responsável do sexo feminino																														
Sim	6	85,7	1	14,3	0,06	3	42,9	4	57,1	0,43	6	85,7	1	14,3	0,04	5	71,4	2	28,6	0,76	3	42,9	4	57,1	0,31	2	28,6	5	71,4	0,85
Não	9	45,0	11	55,0		12	60,0	8	40,0		8	40,0	12	60,0		13	65,0	7	35,0		13	65,0	7	35,0		5	25,0	15	75,0	
Violência emocional materna/responsável do sexo feminino																														
Não	10	83,3	2	16,7	0,01	9	75,0	3	25,0	0,07	8	66,7	4	33,3	0,17	9	75,0	3	25,0	0,41	9	75,0	3	25,0	0,14	5	41,7	7	58,3	0,10
Sim	5	33,3	10	66,7		6	40,0	9	60,0		6	40,0	9	60,0		9	60,0	6	40,0		7	46,7	8	53,3		2	13,3	13	86,7	
Violência física materna/responsável do sexo feminino																														
Não	8	57,1	6	42,9	0,86	7	50,0	7	50,0	0,55	7	50,0	7	50,0	0,84	10	71,4	4	28,6	0,59	11	78,6	3	21,4	0,03	3	21,4	11	78,6	0,58
Sim	7	53,9	6	46,1		8	61,5	5	38,5		7	53,9	6	46,1		8	61,5	5	38,5		8	58,5	6	46,1		4	30,8	9	69,2	
Argumentação paterna/responsável do sexo masculino																														
Sim	4	100,0	0	0,0	0,10	2	50,0	2	50,0	0,84	2	50,0	2	50,0	0,84	2	50,0	2	50,0	0,53	2	50,0	2	50,0	0,84	1	25,0	3	75,0	0,47
Não	10	55,6	8	44,4		8	44,4	10	55,6		10	55,6	8	44,4		12	66,7	6	33,3		8	44,4	10	55,6		8	44,4	10	55,6	
Violência emocional paterna/responsável do sexo masculino																														
Não	8	61,5	5	38,5	0,81	6	46,1	7	53,9	0,94	8	61,5	5	38,5	0,43	6	46,2	7	53,8	0,04	7	53,9	6	46,1	0,34	6	46,2	7	53,8	0,55
Sim	6	66,7	3	33,3		4	44,4	5	55,6		4	44,4	5	55,6		8	88,9	1	11,1		3	33,3	6	66,7		3	33,3	6	66,7	
Violência física paterna/responsável do sexo masculino																														
Não	11	68,7	5	31,3	0,42	9	56,3	7	43,7	0,10	9	56,3	7	43,7	0,79	11	68,8	5	31,2	0,42	7	43,8	9	56,2	0,79	6	37,5	10	62,5	0,60
Sim	3	50,0	3	50,0		1	16,7	5	83,3		3	50,0	3	50,0		3	50,0	3	50,0		3	50,0	3	50,0		3	50,0	3	50,0	

Tabela 2- Teste chi-quadrado de associação entre o indicador de frequência das classes de habilidades sociais e a exposição à violência escolar, comunitária e familiar em adolescentes em situação de acolhimento.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Nota: S = Repertório Satisfatório; D = Repertório Deficitário.

Além disso, a ausência de argumentação perante situação de conflito por parte da mãe ou responsável do sexo feminino e por parte do pai ou responsável do sexo masculino relacionou-se, respectivamente, a um repertório deficitário na civildade ($p=0,04$) e a uma alta dificuldade na empatia ($p=0,03$) (Tabela 3).

Variáveis	Empatia				P	Assertividade				P	Civildade				P	Desenvoltura Social				P	Abordagem Afetiva				P	Autocontrole				P	
	B/M	A	n	%		B/M	A	n	%		B/M	A	n	%		B/M	A	n	%		B/M	A	n	%		B/M	A	n	%		B/M
Exposição à violência escolar															Exposição à violência escolar																
Não	18	72	2	28	0,18	15	10	16	64,0	0,20	12	46,2	14	53,8	0,20	Não	17	68,0	8	32,0	0,30	19	76,0	6	24,0	0,59	20	80,0	5	20,0	0,15
Sim	14	53,9	12	46,2		11	42,3	15	57,7		21	78,3	14	53,8		14	53,9	12	46,2	18		69,2	8	30,8	16		61,5	10	38,5		
Exposição à violência comunitária															Exposição à violência comunitária																
Não	8	57,1	6	42,9	0,52	9	64,3	5	35,7	0,24	9	64,3	5	35,7	0,50	Não	9	64,3	5	35,7	0,73	12	85,7	2	14,3	0,23	11	78,6	3	21,4	0,51
Sim	26	66,7	13	33,3		18	46,2	21	53,9		18	46,2	23	59,0		16	41,0	27	69,2	12		30,8	27	69,2	12		30,8				
Argumentação mãe/responsável do sexo feminino															Argumentação mãe/responsável do sexo feminino																
Sim	5	71,4	2	28,6	0,59	4	57,1	3	42,9	0,75	5	71,4	2	28,6	0,45	Não	4	57,1	3	42,9	0,90	5	71,4	2	28,6	0,94	5	71,4	2	28,6	0,85
Não	12	60,0	8	40,0		10	50,0	10	50,0		11	55,0	9	45,0		12	60,0	8	40,0	14		70,0	6	30,0	15		75,0	5	25,0		
Violência emocional mãe/responsável do sexo feminino															Violência emocional mãe/responsável do sexo feminino																
Não	10	83,3	2	16,7	0,05	6	50,0	6	50,0	0,86	7	58,3	5	41,7	0,93	Não	6	50,0	6	50,0	0,38	9	75,0	3	25,0	0,64	11	91,7	1	8,3	0,06
Sim	7	46,7	8	53,3		5	33,3	7	46,7		9	60,0	6	40,0		10	66,7	5	33,3	10		66,7	5	33,3	9		60,0	6	40,0		
Violência física mãe/responsável do sexo feminino															Violência física mãe/responsável do sexo feminino																
Não	9	64,3	5	35,7	0,88	7	53,9	6	46,1	0,84	10	71,4	4	28,6	0,18	Não	10	71,4	4	28,6	0,18	12	85,7	2	14,3	0,07	10	71,4	4	28,6	0,75
Sim	8	61,5	5	38,5		5	39,9	6	46,1		6	46,2	7	53,8		8	61,5	6	46,2	7		53,9	6	46,1	10		76,9	3	23,1		
Argumentação pai/responsável do sexo masculino															Argumentação pai/responsável do sexo masculino																
Sim	4	100,0	0	0,0	0,03	4	50,0	2	50,0	0,39	3	75,0	1	25,0	0,36	Não	3	75,0	1	25,0	0,36	2	50,0	2	50,0	0,84	3	75,0	1	25,0	0,75
Não	7	38,9	11	61,1		7	83,3	7	72,2		9	50,0	9	50,0		10	55,6	8	44,4	12		66,7	6	33,3							
Violência emocional pai/responsável do sexo masculino															Violência emocional pai/responsável do sexo masculino																
Não	7	53,9	6	46,2	0,67	3	23,1	10	76,9	0,29	8	61,5	5	38,5	0,43	Não	6	46,2	7	53,8	0,34	8	61,5	5	38,5	0,43	9	69,2	4	30,8	0,90
Sim	4	44,4	5	55,6		4	44,4	5	55,6		4	44,4	5	55,6		6	66,7	3	33,3	6		66,7	3	33,3							
Violência física pai/responsável do sexo masculino															Violência física pai/responsável do sexo masculino																
Não	9	56,3	7	43,7	0,34	6	37,5	10	62,5	0,35	8	50,0	8	50,0	0,48	Não	9	56,3	7	43,7	0,79	5	56,3	7	43,8	0,79	11	68,8	5	31,2	0,93
Sim	2	33,3	4	66,7		1	16,7	8	83,3		4	66,7	2	33,3		3	50,0	3	50,0	3		50,0	4	66,7	2		33,3				

Tabela 3- Teste chi-quadrado de associação entre o indicador de dificuldade das classes de habilidades sociais e a exposição à violência escolar, comunitária e familiar em adolescentes em situação de acolhimento.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Nota: B/M= baixa e média dificuldade; A= alta dificuldade.

DISCUSSÃO

Em relação às habilidades sociais, de maneira geral, o repertório social dos adolescentes estudados foi satisfatório e com baixa ou média dificuldade. Numa perspectiva bioecológica, em que o adolescente é sujeito ativo, produtor e produto do seu desenvolvimento, a interação entre os contextos, considerando as diversas relações interpessoais que ocorrem neles e entre eles, e as características biopsicológicas do indivíduo parece resultar num desenvolvimento de habilidades sociais favorável (DRUMMOND; SERI; REATO, 2019; LEME et al., 2015; RODRIGUES, 2015).

Apesar de experienciarem contextos marcados por vulnerabilidades, 37,6% dos adolescentes apresentaram repertório altamente elaborado. Estudo brasileiro, com adolescentes em conflito com a lei, identificou achado semelhante com repertório altamente elaborado em 32,7% desses adolescentes (VISIOLI et al., 2018). Embora o presente estudo não aborde, exclusivamente, adolescentes em conflito com a lei, uma parcela significativa de adolescentes em situação de acolhimento já cumpriram, em algum momento, medidas socioeducativas (ACIOLI et al., 2019).

Como justificativas plausíveis para os achados, mecanismos de superação frente às adversidades existentes parecem contribuir de maneira expressiva na construção de um bom repertório de habilidades sociais (ASSIS; AVANCI, 2004). Além disso, a deseabilidade

social exacerbada nessa fase, superestimando a autoavaliação desses adolescentes, aliada a um baixo discernimento dos próprios sentimentos e atitudes devem ser considerados (GORESTEIN; WANG; HUNGERBÜHLER, 2016; LEME et al., 2016).

As classes em que os adolescentes apresentaram maiores déficits foram desenvoltura social e civilidade. Relacionadas ao aprendizado e modelagem em contextos formais como a escola, através da convivência com professores, pares e outros funcionários (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009), um baixo rendimento e frequência escolar, uma alta vivência de rua e uso de drogas aliados a (ACIOLI et al., 2019) modelos comportamentais familiares desfavoráveis (MOTA; MATOS, 2010; SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2010) podem justificar os resultados encontrados.

O conflito é um aspecto inevitável de toda relação humana (STRAUS, 1979). Na adolescência, a busca pela autonomia e independência, com uma maior necessidade de contestar o controle e limites, pode levar a um aumento significativo no número de conflitos entre os adolescentes e seus pais ou responsáveis (DRUMMOND; SERI; REATO, 2019). Afastados do convívio familiar, pela exposição às inúmeras situações de risco neste meio, adolescentes em situação de acolhimento, muitas vezes não tem aproximação com seus pais ou responsáveis, seja pela presença de relações conflituosas, geradoras de maus tratos por parte dos seus cuidadores, seja pela ausência de relações parentais, como no caso do abandono (BRASIL, 1990; CRUZ et al., 2016).

Em torno de 50% não tinha tido contato com os pais nos últimos doze meses. Em relação aos jovens que relataram contato com seus pais ou responsáveis nesse período, a ausência de resolução de conflitos por meio da argumentação aponta para um prejuízo no desenvolvimento social, na medida em que há replicação dessas práticas parentais inadequadas frente às interações sociais com os pares (CRUZ et al., 2016; GRIGGS et al., 2019; KOCH, et al., 2020).

Em estudo realizado no Sul do Brasil, com adolescentes em conflito com a lei, observou-se que pais ou responsáveis que usavam estratégias de resolução de conflitos marcadas por violência, tanto física quanto psicológica, passaram a reproduzir esses comportamentos em relações com pares (KOCH, et al., 2020). Em outros países, pesquisas evidenciam que relações conflituosas, marcadas por violência, entre pais e adolescentes mostraram associação com pior saúde física e psicossocial (GRIGGS et al., 2019) e transmissão intergeracional desses comportamentos (BUISMAN et al., 2020).

No presente estudo, táticas de conflito, por parte da mãe ou responsável do sexo feminino, baseadas na ausência de argumentação, presença de violência emocional e violência física relacionaram-se a um maior déficit nas classes de habilidades sociais civilidade, empatia e abordagem afetiva, respectivamente. Um repertório deficitário na civilidade, relacionada a atitudes de gentileza e ao respeito às normas de convívio social, vai de encontro aos resultados obtidos na amostra normativa realizada por Del Prette A. & Del Prette Z. (2009), em que foi encontrada uma elevada proficiência nessa classe.

A ausência de argumentação, portanto, parece não propiciar condições favoráveis para aquisição e desenvolvimento de habilidades de civilidade.

Quanto ao maior déficit na empatia, na situação supracitada, estudos anteriores (GUERRA; DEL PRETTE, 2020; KOIZUMI; TAKAGISHI, 2014; SCARPARO, 2016) mostraram que adolescentes que sofriam maus tratos apresentavam dificuldade em reconhecer corretamente os estados emocionais das pessoas com quem interagiam, levando a um prejuízo nas interações sociais. Campos et al. (2018) identificaram que déficits na empatia foram associados a um maior risco de depressão. Uma menor empatia nos adolescentes estudados, portanto, constitui-se fator preocupante tendo em vista a importância dessa habilidade na expressão da solidariedade, através do interesse e respeito pelos sentimentos do outro (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009).

Conforme mencionado, o uso de violência física por parte da mãe ou responsável do sexo feminino em situações de conflito mostrou associação com um repertório mais deficitário na abordagem afetiva. Tal classe relaciona-se à capacidade de conversação e comunicação com o intuito de construir relações mais íntimas, como amizades e relacionamentos amorosos, de maneira a exprimir satisfação ou não a diferentes formas de carinho (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009).

Um padrão disfuncional perante resolução de conflitos entre adolescentes e seus pais ou responsáveis, marcado por violência física ou emocional, pode levar a comportamentos antissociais e ao desenvolvimento de psicopatologias e, conseqüentemente, a um comprometimento nas interações sociais (CRUZ et al., 2016; RODRIGUES et al., 2014). É sabido que a família se configura como primeiro núcleo de socialização em que valores, princípios e condutas norteiam a forma como crianças e adolescentes perceberão o mundo (CRUZ et al., 2016; FERNÁNDEZ-HENRIQUEZ et al., 2018). Dessa forma, o uso da violência física como estratégia de resolução de conflitos tende a perpetuar por gerações (BRASIL, 2018; BUISMAN et al., 2020) levando a um comprometimento no estabelecimento das relações sociais desses jovens.

A ausência de argumentação por parte do pai ou responsável do sexo masculino foi associada à alta dificuldade no repertório total de habilidades sociais e na classe empatia. O alto custo ou excesso de dificuldade na emissão de respostas, segundo Del Prette A. & Del Prette Z. (2009), mostra o quanto é difícil se comportar da maneira socialmente competente e refere-se ao custo subjetivo relatado pelo adolescente, sugestivo de fatores como ansiedade e relacionando possíveis déficits de fluência.

Apesar de a amostra total apresentar baixa ou média dificuldade na emissão de respostas socialmente habilidosas, a presença de estratégias violentas por parte dos pais ou responsáveis do sexo masculino, perante situação de conflito, reduz reforços positivos, não favorecendo o desenvolvimento de um melhor repertório comportamental que, por sua vez, diminui a probabilidade de respostas alternativas ao problema (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009; LEME et al., 2015). Em estudo anterior verificou-se que a violência

acometida por responsáveis do sexo masculino produz lesões e sequelas mais graves devendo, portanto, ser precocemente combatida (BHONA et al., 2014; CANHA, 2008).

A despeito dos recursos presentes no indicador de frequência do repertório total de habilidades sociais e da classe empatia, essas reações tendem a ocorrer com alto custo de resposta, nos adolescentes em que pais ou responsáveis do sexo masculino se utilizam de táticas de conflito não argumentativas. Apesar desses achados referentes aos indicadores de dificuldade, vale ressaltar que os estudos de análise de itens, e outros estudos psicométricos, mostraram-se muito mais robustos nos indicadores de frequência. No entanto, o alto custo de resposta se mostra coerente com conceitos da área e sinaliza para pontos a serem priorizados em termos de intervenção (DEL PRETTE A.; DEL PRETTE Z., 2009).

Além do contexto familiar, a escola e a comunidade configuram-se como ambientes ecológicos significativos para aprendizagem e desenvolvimento de habilidades sociais (LEME et al., 2015). A presença de violência nesses contextos configura-se, portanto, como fator de risco para o desenvolvimento social desses jovens (RAMOS et al., 2020). Observou-se, na amostra estudada, que a maioria dos adolescentes sofreu ou presenciou algum tipo de violência tanto na escola quanto na comunidade, sendo mais frequente a violência comunitária.

A coexistência da violência em vários contextos não ocorre de maneira aleatória. É comum a concomitância de violência sofrida ou presenciada na escola e na comunidade em jovens em situação de acolhimento. A violência existente em ambiente escolar e na comunidade, desde a vitimização direta com danos corporais chegando à morte, até a exposição indireta, através de acontecimentos com colegas ou vizinhos, leva a um maior prejuízo no desenvolvimento social, cognitivo e emocional desses jovens, já tão afetado pelo ambiente familiar de risco (MOLANO; HARKER; CRISTANCHO, 2018; PINTO; ASSIS, 2013).

Em relação aos tipos de violência, tanto na escola quanto na comunidade, a humilhação foi a mais relatada por esses jovens. Estudo anterior, realizado com adolescentes em situação de acolhimento no Rio de Janeiro, evidenciou que mais da metade dos entrevistados relatou ter sido excluído do seu meio social e/ou já ter sofrido assédio moral na escola³⁸. A revitimização em diferentes contextos sugere que a violência é de certa maneira aprendida, podendo, então, ser replicada nos ambientes onde transitam os adolescentes (ASSIS et al., 2011; PINTO; ASSIS, 2013).

Fenômeno ligado à violência urbana e social, a maior prevalência da violência comunitária, quando comparada à violência escolar, reflete o meio em que esses adolescentes se encontram inseridos, marcados pela falta de recursos que garantam saúde, educação, habitação e segurança pública (PINTO; ASSIS, 2013). Na amostra estudada, mais de 30% dos adolescentes tiveram algum objeto furtado ou conviveram com pessoas que portavam armas de fogo em suas comunidades. Estudo (ASSIS et al., 2011) realizado em dez capitais brasileiras apresentou resultado semelhante, em que ter sido furtado na

comunidade foi a violência mais sofrida (18,1%), seguida da convivência com pessoas que carregam arma de fogo, como no presente estudo.

Adolescentes que foram expostos à violência comunitária apresentaram maior déficit nas habilidades sociais do que os que não foram expostos. Nesse sentido, a violência no contexto comunitário parece limitar, de certa forma, o desenvolvimento e a ampliação de relações sociais, se caracterizando como fator potencialmente prejudicial para a qualidade das interações sociais (CHAVES et al., 2013; KOCH et al., 2020; STEENBAKKERS; STEEN; GRIETENS, 2018).

A respeito das limitações desse estudo, é possível assinalar que apesar de a amostra ter sido censitária foi de número reduzido. Para uma melhor compreensão do desenvolvimento social desses adolescentes e constatação das associações encontradas, estudos longitudinais, com obtenção de amostras e análises mais robustas, são necessários. Outra limitação refere-se à ausência de dados sobre o tempo de acolhimento, tendo em vista a influência das relações sociais nos serviços de acolhimento, principalmente, com os cuidadores, no desenvolvimento de habilidades sociais desses adolescentes.

Os resultados deste artigo apontam para a complexidade dos mecanismos pelos quais a violência nos contextos familiar, escolar e comunitário podem interferir no desenvolvimento de adolescentes em situação de acolhimento. Apesar de a maioria dos adolescentes apresentar um repertório total de habilidades sociais satisfatório e sem grandes dificuldades, com déficits pontuais em classes específicas, a violência nos contextos familiar, escolar e comunitário parece desempenhar fator de risco no repertório social do grupo estudado. Trata-se de um estudo inovador pela temática e relevante para a saúde pública, em que se pesem os reflexos de um país desigual na população de adolescentes acolhidos em uma das maiores capitais do país.

Estudos mostram que, intervenções em habilidades sociais voltadas para o desenvolvimento de atitudes positivas em adolescentes em situação de vulnerabilidade, através de encontros semanais e instruções, levaram à melhoria no autocontrole, empatia e assertividade. Outros resultados encontrados com essas intervenções incluíram a redução de comportamento problema e do uso de drogas, aumento da atividade física, melhores desenvolvimento psicossocial e desempenho escolar e diminuição de distorções cognitivas (CORRÊA et al., 2020). Tais achados apontam para a reprodução de estratégias semelhantes em adolescentes acolhidos com benefícios na prevenção e promoção à saúde não só individual, mas também coletiva.

Além da intervenção em habilidades sociais, faz-se imprescindível o combate às situações de maus tratos aos quais esses adolescentes são expostos. Para isso políticas públicas e inclusivas, através de ações intersetoriais, que gerem oportunidades não só para o adolescente, mas sua unidade familiar e toda comunidade devem ser elaboradas. De forma multifacetada, ciclos de violência tão naturalizados nos diferentes contextos podem ser rompidos levando, com isso, a um melhor desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, R. M. L. *et al.* Tempo de acolhimento e características dos adolescentes acolhidos por tipo de serviços institucionais. Recife, Brasil, 2009-2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 553-562, fev. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.06402017>. Acesso em: 16 maio 2023.
- ACIOLI, R. M. L. *et al.* Avaliação dos serviços de acolhimento institucional de crianças e adolescentes no Recife. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 529-542, fev. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018232.01172016>. Acesso em: 15 maio 2023.
- ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. **Labirinto de espelhos**: formação da autoestima na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- ASSIS, S. G. *et al.* Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivo-sexuais. *In*: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 153-182.
- BEAUCHAMP, M. H.; ANDERSON, V. SOCIAL: an integrative framework for the development of social skills. **Psychological Bulletin**, v. 136, n. 1, p. 39-64, jan. 2010. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0017768>. Acesso em: 12 maio 2022.
- BHONA, F. M. C. *et al.* Inter-Relações da Violência no Sistema Familiar: Estudo Domiciliar em um Bairro de Baixa Renda. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 27, n. 3, p. 591-598, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427321>. Acesso em: 17 maio 2023.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.
- BRASIL. **Violência contra Crianças e Adolescentes**: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Brasília: Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente, Ministério dos Direitos Humanos (MDH), 2018.
- BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. *In*: BRONFENBRENNER, U. (Ed). **Making humans beings human: bioecological perspectives on human development**. Thousand Oaks: Sage Publications, p. 3-15, 2005.
- BUISMAN, R. S. M. *et al.* Intergenerational transmission of child maltreatment using a multi-informant multi-generation family design. **PLoS One**, v. 15, n. 4, mar 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0225839>. Acesso em: 17 maio 2023.
- CAMPOS, J. R.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Relações entre depressão, habilidades sociais, sexo e nível socioeconômico em grandes amostras de adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 34, p. e3446, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3446>. Acesso em: 23 maio 2022.
- CANHA, J. A criança vítima de violência. *In*: MACHADO, C.; GONÇALVES, R. A. (org.). **Violência e vítimas de crimes**: Crianças. Lisboa: Quarteto, 2008. p.17-37.
- CHAVES, C. M. P. *et al.* Avaliação do crescimento e desenvolvimento de crianças institucionalizadas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 5, p. 668-674, set. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000500005>. Acesso em: 10 agosto 2022.

PERNAMBUCO (Estado). Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Pernambuco. **Mapa situacional dos serviços de acolhimento do Estado de Pernambuco**. Pernambuco: Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Pernambuco, 2012. Disponível em: http://www.tjpe.jus.br/documents/72348/118067/mapa_situacional_dos_servi.pdf/47aae7c5-c591-459e-8cc1-4b612f048910. Acesso em: 14 Fev 2023.

CORRÊA, R. *et al.* Intervenções em competências sociais com adolescentes e o desenvolvimento de atitudes positivas em situação de vulnerabilidade: uma revisão sistemática. **Análisis y Modificación de Conducta**, v. 46, n. 6, p. 173-174, p. 23-42, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33776/amc.v46i173-4.3718>. Acesso em: 12 dezembro 2022.

CRUZ, E. J. S. *et al.* Fatores de risco em famílias de adolescentes em acolhimento institucional. **Mudanças**, v. 24, n.1, p. 27-38, Jan.-Jun. 2016. Disponível em: Fatores de risco em famílias de adolescentes em acolhimento institucional | Cruz | Mudanças - Psicologia da Saúde (metodista.br). Acesso em: 22 maio 2023.

CUNHA, P.; MONTEIRO, A. P.; LOURENÇO, A. Clima de escola e táticas de gestão de conflito - Estudo quantitativo com estudantes portugueses. *CES Psicología*, [S. l.], n. 9, v. 2, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/article/view/3609>. Acesso em: 22 maio. 2023.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P. **Inventário de Habilidades Sociais para adolescentes (IHSA-Del-Prette)**: Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

DRUMMOND, J. K. C.; SERI, L. F.; REATO, L. F. N. Desenvolvimento psicológico na adolescência- Limites entre normalidade e anormalidade. In: AZEVEDO, A. E. B. I.; REATO, L. F. N. (org.). **Manual de Adolescência**. Baurueri: Manole, 2019. p. 135-142.

FEITOSA, F. B. *et al.* Desempenho acadêmico e interpessoal em adolescentes portugueses. **Psicologia em estudo**, v. 14, n. 2, p. 259-266, abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/dT5CQCf8BH4YhqZgrkjVYJs/>. Acesso em: 08 set. 2022.

FERNÁNDEZ-HENRIQUEZ, L. *et al.* Factores familiares relacionados con habilidades sociales en adolescentes de una institución educativa estatal en Lima. **Revista de Enfermería Neurológica**, v.17, n. 1, p. 19–27, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.37976/enfermeria.v17i1.258>. Acesso em: 04 out. 2022.

FERREIRA, V. V. DE F.; LITTIG, P. M. C. B.; VESCOVI, R. G. L.. Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 165–174, jan. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100018>. Acesso em: 08 set. 2022.

GORESTEIN, C.; WANG, Y. P.; HUNGERBÜHLER, I. **Instrumentos de avaliação em saúde mental**. Porto Alegre: Artmed; 2016.

GRIGGS S. *et al.* Violence exposure, conflict, and health outcomes in inner-city African American adolescents. **Nursing Forum**, v. 54, n.4, p. 513–525, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/nuf.12365>. Acesso em: 13 out 2022.

GUERRA, L. L. DE L.; DEL PRETTE, Z. A. P.. Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Crianças sob Acolhimento Institucional. **Psico-USF**, v. 25, n. 2, p. 273-284, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250206>. Acesso em: 18 nov 2022.

INCARNATO, M. *et al.* **Mais autonomia, mais direitos**: pesquisas sobre modalidades de acompanhamento de adolescentes e jovens transições do sistema de cuidados alternativos para a vida autônoma na América Latina. Rede Latinoamericana de Graduados em Proteção. 2020. ISBN 978-987-47252-2-6 Disponível em: https://doncel.org.ar/wp-content/uploads/2020/08/MasAutonomia-MasDerechos_Brasil_DONCEL.pdf. Acesso em: 21 dez 2022.

KAHN, T. *et al.* **O dia a dia nas escolas**. São Paulo: Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD), Instituto Sou da Paz, 1999.

KOCH, C. *et al.* Coparentalidade e Conflito Pais-Filhos em Adolescentes Envolvidos em Práticas Restaurativas. **Psico-USF**, v. 25, n. 2, p. 343-355, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250212>. Acesso em: 22 maio 2023

KOIZUMI, M.; TAKAGISHI, H.. The Relationship between Child Maltreatment and Emotion Recognition. **PLoS One**, v. 9, n. 1, p. e86093, jan. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0086093>. Acesso em: 18 nov. 2022.

LEME, V. B. R. *et al.* Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 181–193, jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015aop001>. Acesso em: 18 nov. 2022.

LEME, V.B.R.; DEL PRETTE, Z.A.P.; COIMBRA, S.. Práticas Educativas Parentais e Habilidades Sociais de Adolescentes de Diferentes Configurações Familiares. **Psico (Porto Alegre)**, v. 44, n. 4, p. 560-570, jul.-dez. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12559>. Acesso em: 04 jul. 2022.

LEME, V. B. R. *et al.* Social skills inventory for adolescents: evidence of construct validity and reliability. **Psico (Porto Alegre)**, v. 47, n. 3, p. 171–178, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.3.20942>. Acesso em: 22 maio. 2023.

MOLANO, A.; HARKER, A.; CRISTANCHO, J. C.. Effects of Indirect Exposure to Homicide Events on Children's Mental Health: Evidence from Urban Settings in Colombia. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 47, n. 10, p. 2060-2072, oct. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0876-8>. Acesso em: 22 maio 2023.

MOTA, C. P.; MATOS, P. M.. Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. **Análise Psicológica**, v. 28, n. 2, p. 245-254, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.278>. Acesso em: 22 maio 2023.

PINTO, L. W.; ASSIS, S. G.. Violência familiar e comunitária em escolares do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 16, n. 2, p. 288–300, jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000200006>. Acesso em: 18 nov 2022.

RAMOS, K. Á. DE A. *et al.* Sheltered adolescents' background of exposure to violence and distressful experiences. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 4, p. e20180714, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0714>. Acesso em: 22 maio 2023.

RODRIGUES, A. L. *et al.* Percepção de preconceito e autoestima entre adolescentes em contexto familiar e em situação de acolhimento institucional. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 389-407, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2023.

RODRIGUES, Sérgio Miguel de Jesus. **Escola – Família – Comunidade como Fatores Promotores da Resiliência Educacional em Jovens Institucionalizados e Ex-institucionalizados**. 2015–Dissertação (Mestrado de educação e proteção de crianças e jovens em risco) - Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior De Educação De Portalegre, Portalegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/14214>. Acesso em: 07 maio 2023.

SCARPARO, Mariella Ometto. **Comportamento social e volume de substância branca cerebral em adolescentes vítimas de maus tratos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.5.2016.tde-04082016-160853. Acesso em: 05 maio 2023.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D.. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 407–415, jul. 2010.

STEENBAKKERS, A.; STEEN, S.; GRIETENS, H.. The Needs of Foster Children and How to Satisfy Them: A Systematic Review of the Literature. **Clin Child Fam Psychol Rev**; v. 21, n. 1, p. 1-12, mar 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10567-017-0246-1>. Acesso em: 21 maio 2023.

STRAUS, M.. Measuring Intrafamily Conflict and Violence: The Conflict Tactics Scales. **Journal of Marriage and the Family**, v. 41, n. 1, p. 75-88, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/351733>. Acesso: 21 maio 2023.

TARULLO, A. R.; GUNNAR, M. R.. Institutional Rearing and Deficits in Social Relatedness: Possible Mechanisms and Processes. **Cognitie, Creier, Comportament**, v. IX, n. 3, p. 329-342, 2005. Disponível em: <https://www.bu.edu/cdl/files/2013/08/Tarullo-Gunnar-2005.pdf>. Acesso em: 22 maio 2023.

VISIOLI, M. M. M. R. *et al.* Repertório de habilidades sociais e atraso escolar em adolescentes em conflito com a lei. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 118-140, ago. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2023.